

UMA COLECÇÃO DE ARTE POPULAR

UMA COLECÇÃO
DE ARTE POPULAR,
POR VÍCTOR SANTOS

CASA AMARELA,
CENTRO DE ARTES

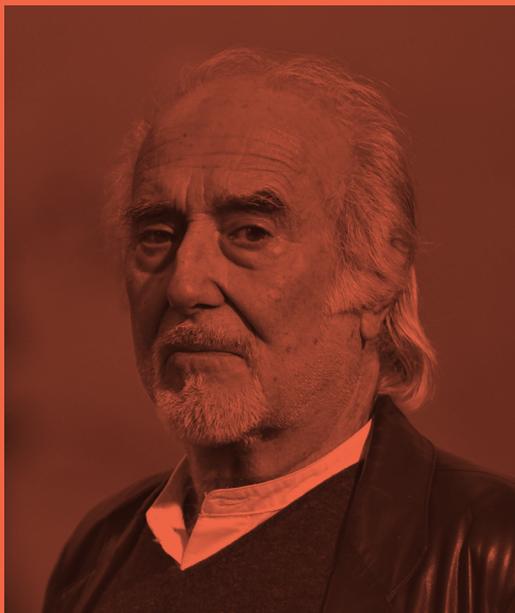
—
Rua Dr. Ilídio
Amado | 2500-217,
Caldas da Rainha

CEN
TRO
DAR
TES

CALDAS DA RAINHA



CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal



Fotografia de José Frade

Victor Santos

Depois de ter trabalhado na Administração Pública, de ter sido mecânico da Força Aérea Portuguesa e técnico de vendas numa empresa ligada ao ramo dos têxteis, iniciei há quarenta e cinco anos a profissão em que ainda hoje me encontro, a de actor. E foi nos primórdios desta profissão, que conjuntamente ao amor pelo Teatro começou também uma outra paixão, iniciada acidentalmente na colaboração que me foi solicitada para uma exposição de Arte Popular, a realizar no Salão Nobre do Teatro Garcia de Resende, em Évora. Digamos que foi o início de um namoro que se transformou aos poucos num afecto mais intenso, numa atracção, num fascínio, e que me levou a dedicar algum tempo e a aprofundar alguns conhecimentos técnicos e suas complementaridades. Os livros que fui adquirindo e as bibliotecas que percorri foram disso testemunha. A preciosa ajuda da minha mulher, Lúcia Ferreira, formada em antropologia, foi um factor

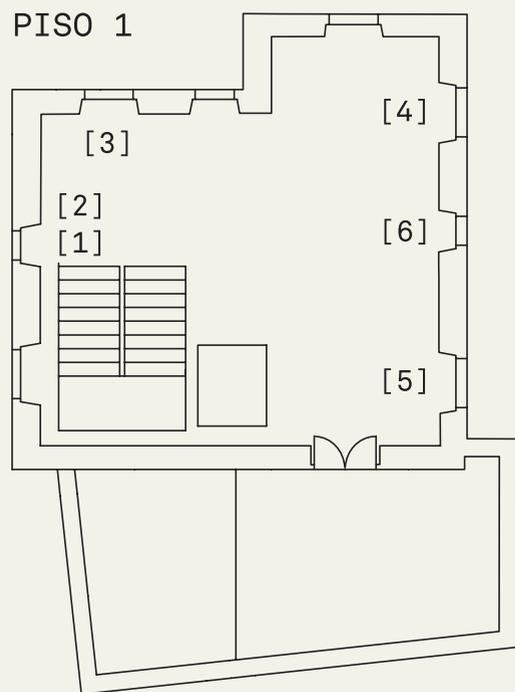
de apoio muito relevante. O facto de quase todas as companhias onde estive se integrarem em projectos de descentralização teatral, levou a deslocações constantes por todo o país, desde as maiores cidades aos lugarejos mais recônditos. Talvez de uma forma inconsciente, parecia que as minhas escolhas eram feitas em função dos locais onde tinha informações da existência de alguém que ainda, estoicamente, mantinha uma arte em risco de extinção. Daí ter estado em regiões tão distantes umas das outras como, Braga, Porto, Bragança, Covilhã, Coimbra, Caldas da Rainha, Évora, Açores, etc., isto para só falar nos grandes centros, que por sua vez possuíam no seu redor, vilas, aldeias e lugares, onde eu sabia ainda poder encontrar aquilo que interessava como recolha etnográfica. Ironicamente costumo dizer que tenho quarenta e cinco anos de actor, e outros quarenta e cinco de recolector de arte popular. Não me parece estar mal para uma vida...

INTRODUÇÃO

Tudo começou quando era adolescente e o grupo de jovens em que me integrava, decidiu num fim de semana ir até ao Estoril onde decorria a Feira de Artesanato. Digamos que o principal motivo não eram as obras que davam título à feira, mas o irmos lá lanchar em convívio com os amigos, e lançar o olhar às jovens que sabíamos ir encontrar. Mas ao chegarmos, decidimos ir percorrendo os vários stands de expositores. Houve um em que nos detivemos mais tempo pela estranheza que nos provocou. Eram figuras um pouco grotescas de cristos, diabos e monstros feitos em barro, em completa harmonia, convivendo sem preconceitos nas prateleiras. Entretanto juntou-se também um grupo de adultos naquela banca a observar, que depois de percorrer com o olhar as obras e de fazerem vários comentários elogiosos, um de entre eles se dirigiu à senhora que estava no interior e perguntou-lhe se era a autora. Ela levou-se do banco onde estava sentada, deslocou-se na sua direcção, e num tom calmo respondeu que sim. Insistindo, a mesma pessoa perguntou-lhe que ferramentas ou instrumentos usava nesse trabalho. Ela não respondeu logo, talvez estranhando a ignorância de quem perguntava, mirou-os com os seus olhos pequeninos mas muito vivos, e só depois, e em silêncio, ergueu os braços à altura da cabeça e agitou as mãos em demonstração. Esclarecidas, as pessoas sorriram comprometidas, seguiram caminho e nós também, mas aquele seu gesto ficou a bailar na minha cabeça durante muito tempo. Aquela senhora, com traços duma certa ruralidade, de lenço escuro na cabeça e sem atavios, era Rosa Ramalho, nome grande da Arte Popular Portuguesa. Passaram alguns anos e instalado recentemente a trabalhar no Alentejo, sou desafiado pelo então director

do Centro Cultural de Évora, Mário Barradas, a organizar uma exposição de Arte Popular no Salão Nobre do Teatro Garcia de Resende, para acompanhar o lançamento de um livro sobre os poetas populares alentejanos, organizado pelo Modesto Navarro. Manifestei a dificuldade de conseguir tal desiderato dado o meu desconhecimento sobre tal matéria. Fui logo sossegado tendo-me sido dito que em Estremoz existia um professor de trabalhos manuais, que me iria fornecer todos os elementos necessários e acompanhar nalgumas visitas aos artesãos. Chamava-se Aníbal Falcato e a ele devo este vício salutar. A partir daí o “bichinho” foi-se instalando, o fascínio pelo universo fantástico de tantos autores desconhecidos, a diversidade das matérias-primas utilizadas, a necessidade artística de ornamentar algumas peças do nosso quotidiano, a feitura de obras que só se executavam pelo prazer de reter em memória actividades de trabalho e lúdicas, tudo isto realizado com as mãos, fez-me cada vez mais ir apaixonando por esta arte. As minhas deslocações por todo o país que o trabalho me ia proporcionando, também contribuíram para a recolha do acervo que fui juntando, assim como a ajuda de familiares e amigos que me disponibilizaram sótãos, garagens e arrecadações, para guardar as caixas onde as colocava. De muitos destes artesãos me tornei amigo. Aquela reacção inicial de alguma desconfiança, talvez suspeição de eu ser funcionário das Finanças, rapidamente se desfez e muitas vezes me abriram a porta de casa para partilhar um petisco e um copito de vinho. A todos eles gostaria de abraçar e agradecer os conhecimentos que me transmitiram. Obrigado.

Victor Santos



- [1] LATOARIA
- [2] FERRO FORJADO
- [3] MINIATURAS DE EMBARCAÇÕES
- [4] FIGURADO EM BARRO
- [5] CESTARIA
- [6] ARTE PASTORIL



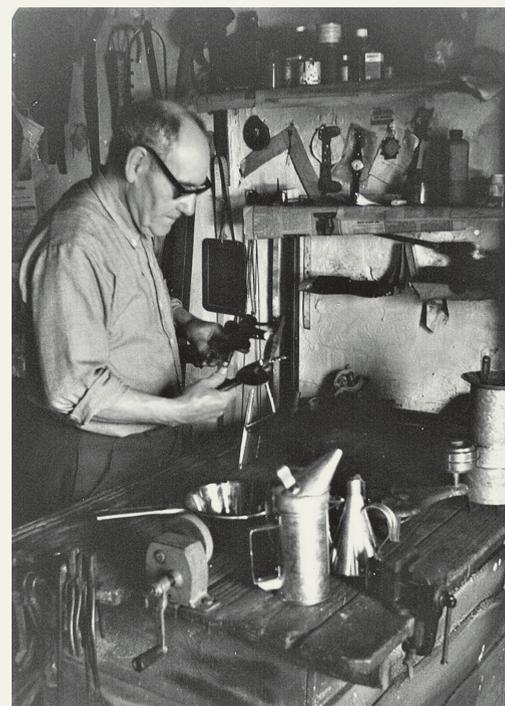
Jaime Pinto Silva, Lisboa.
Por Víctor Santos

[1] LATOARIA

A latoaria deve ter sido das artes tradicionais a que mais viu perigar a sua continuidade pelo aparecimento de outros materiais, sobretudo pelo plástico. A sua vasta utilidade ficou reduzida e embora ainda perdurem alguns focos de resistência, o seu destino parece traçado.

[2] FERRO FORJADO

O ritmo cadenciado do martelo na bigorna, o fulgir das brasas coruscantes, o fumo e o som abafado do ferro ao rubro a ser mergulhado no óleo para a têmpera, passaram a ser memórias de uma arte com milhares de anos. Já não se executam espelhos de fechadura e aldrabas para as portas, já não se fazem varandas e carros de bois, gatos de chaminé, talheres, transfogueiros, e tantas outras coisas em que o ferro predominava. A industrialização e a robótica ditaram as suas leis, e os que hoje ainda trabalham na forja fazem-no de uma forma residual.



António Guiomar, Grândola.
Por Víctor Santos



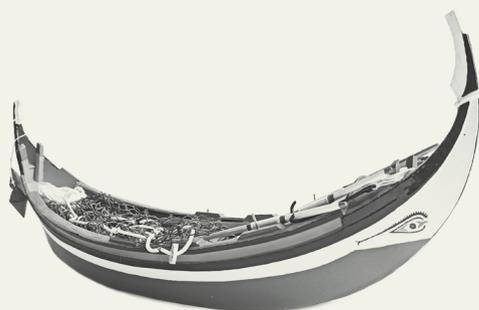
[2]





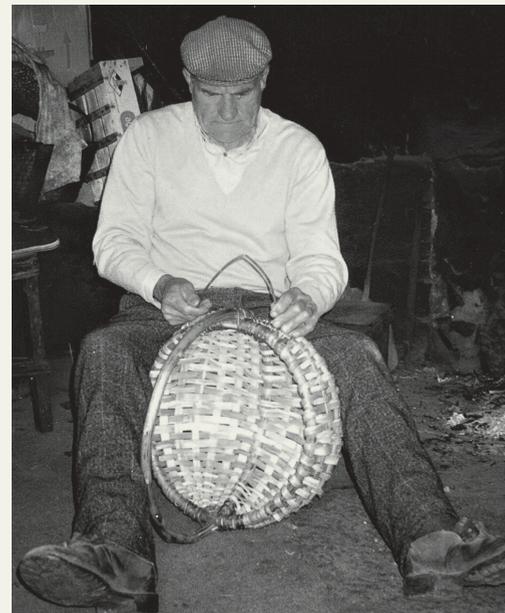
Sabina Santos, Estremoz.
Por Victor Santos

Portugal, um país de pequenas dimensões geográficas mas com uma costa de grande extensão, concebeu um vasto leque de embarcações tradicionais, cada uma delas adaptada às características dos seus mares, rios e esteiros. A diversidade de barcos que embelezava essas águas foi desaparecendo por culpa do inexorável desenvolvimento tecnológico, tendo alguns desaparecido e outros adaptado a funções diferentes do seu destino inicial.



[4] FIGURADO EM BARRO

O figurado em barro tradicional português, antes da transformação em peças integrantes do mercado artístico inflacionário, passou por um período áureo onde a ingenuidade criativa deu asas e largas à imaginação fecunda de pessoas que, por exemplo, sem nunca terem visto o mar, o representavam conforme as histórias que liam ou que lhes eram contadas, acrescentando a cada representação o que a sua capacidade imagética lhes fornecia. Daí a diversidade de obras com alguns aspectos que numa primeira leitura podemos considerar contraditórios; o sagrado e o profano, o virginal e o perverso, o organizado e o caótico.



Diamantino Cabral, Queiriga.
Por Victor Santos

Embora a sua função essencial tenha sido desde os seus primórdios corresponder a uma atribuição utilitária, o entrelaçar da madeira ou das fibras de origem vegetal foi ganhando contornos estéticos e decorativos de relevo, consoante a diversidade de materiais e a incumbência para que se destinava.



[6] ARTE PASTORIL

A arte pastoril é a arte da solidão. A procura pelos pastores dos melhores pastos para o seu gado, afastava-os dos aglomerados populacionais para zonas onde o contacto com a natureza e o silêncio imperavam. Aí davam largas à sua expressão artística, esculpindo nas matérias-primas que estavam ao seu dispor, a madeira, a cortiça e o corno, aspectos ligados à vida rural, ou tão só decorando-as com desenhos geometrizarantes de fino recorte.



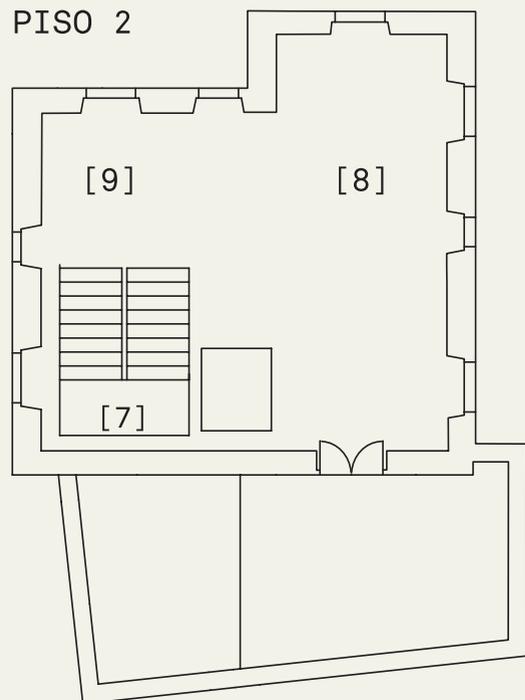


[7] MÁSCARAS TRADICIONAIS

Embora o ritual das máscaras seja visível em várias zonas do nosso país, sobretudo no Carnaval, é em Trás-os-Montes que essas manifestações seculares ainda vão mantendo acesa a chama dessas tradições mais expressivas. São disso exemplo a Festa dos Rapazes, a Festa de Santo Estêvão, as Festas do Natal, do Ano Novo e dos Reis, e a do Carnaval. Essa é provavelmente a razão por ainda existirem vários focos de artesãos na construção das máscaras.

[8] OLARIA DAS CALDAS DA RAINHA

Com uma origem que remonta ao final do século XV, início do XVI, Caldas da Rainha é reconhecidamente um dos mais importantes centros cerâmicos nacionais. O sucesso da produção cerâmica terá sido necessariamente impulsionada pela natureza termal da povoação que surgia e pela existência de matéria-prima em qualidade e em abundância. No decorrer do século XIX, o grande sucesso da loiça naturalista, não impediu que até meados do século XX inúmeras olarias operassem na cidade, com encomendas a surgirem de várias partes do país. Armindo Reis, que nasceu em 1926, no seio de uma longa linhagem de oleiros, iniciou a sua aprendizagem na casa paterna, mas foi na pequena oficina de Germano Luís de Sousa que entrou como aprendiz. A produção de bilhas, panelas, pratos, frigideiras e outras peças utilitárias, foi decaindo progressivamente, à medida que outros materiais (sobretudo o plástico) ocupavam esse espaço. Artesão de excepcional qualidade, Armindo teria gosto em saber que o seu ofício e de tantos outros oleiros seria reconhecido pela UNESCO, quando em 2019, designou Caldas da Rainha como Cidade Criativa na área do Artesanato e Artes Populares.



- [7] MÁSCARAS TRADICIONAIS
 [8] OLARIA DAS CALDAS DA RAINHA
 [9] OLARIA TRADICIONAL PORTUGUESA

[9] OLARIA TRADICIONAL PORTUGUESA

Na zona que é hoje o território português, foram encontrados numerosos vestígios de produção oleira datados do tempo pré-histórico. Primeiro, produzindo com técnica de rolos sobrepostos barrados no interior e cozidos ao sol. Depois, com o surgimento do fogo, descobrindo (acidentalmente ou não), que a acção do calor produzido dava mais consistência às obras que realizavam. Nos primeiros tempos, a função da olaria foi meramente utilitária, mas a pouco e pouco foram sendo introduzidos pequenos sinais que serviam de ornamentação e embelezamento das peças. E estas características foram-se mantendo e aprimorando através dos séculos. Entretanto a introdução da roda de oleiro veio revolucionar a produção em termos de formato e de quantidade. Com o aparecimento de sociedades com estruturas sociais mais sólidas, além do utilitarismo também o sentido estético e decorativo se foi impondo. Segmentou-se assim a produção oleira em utilitária, e em decorativa. E assim foi evoluindo até os nossos dias. Em princípio do século passado com o aparecimento da loiça concebida em vários metais, e mais tarde a partir do plástico, a olaria passou a ser praticamente ornamental, alguma dela atingido grande qualidade de estética.



A COLLECTION OF FOLK ART, BY VICTOR SANTOS

[1] TINSMITHING

Tinsmithing must have been one of the traditional arts that was most jeopardised by the emergence of other its continuity by the emergence of other materials, especially plastics. Its vast usefulness has been reduced and although there are still some pockets of resistance, its fate seems to be sealed.

[2] BLACKSMITHING

The cadenced rhythm of the hammer on the anvil, the glow of the glowing embers, the smoke and the muffled sound of the red-hot iron being dipped in oil for tempering have become memories of an art that is thousands of years old. We no longer make lock mirrors and door knockers, we no longer make balconies and ox carts, chimney pots, cutlery, transfiguration pots and so many other things in which iron used to predominate. Industrialisation and robotics have dictated their laws, and those who still work at the forge today do so in a residual way.

[3] MINIATURE BOATS

Portugal, a country of small geographical dimensions but with a long coastline, has designed a wide range of traditional boats, each adapted to the characteristics of its seas, rivers and estuaries. The diversity of boats that embellished these waters has disappeared due to inexorable technological development, with some disappearing and others adapted to functions other than their original purpose.

[4] CLAY FIGURINES

Traditional Portuguese clay figurines, before becoming part of the inflationary art market, went through a golden period where creative ingenuity gave wings to the fruitful imagination of people who, for example, without ever having seen the sea, represented it according to the stories they read or were told, adding to each representation what their imaginative capacity provided. Hence the diversity of works with some aspects that at first reading we might consider contradictory; the sacred and the profane, the virginal and the perverse, the organised and the chaotic.

[5] BASKETRY

Although its essential function has been to serve a utilitarian purpose since its earliest days, the interweaving of wood or plant fibres has gradually taken on important aesthetic and decorative features, depending on the diversity of materials and the purpose for which it was intended.

[6] PASTORAL ART

Pastoral art is the art of solitude. The shepherds' search for the best pastures for their cattle led them away from the population centres to areas where contact with nature and silence prevailed. There they gave free rein to their artistic expression, carving wood, cork and horn from the raw materials at their disposal, cork and horn,

aspects linked to rural life, or simply decorating them with finely cut geometric designs.

[7] TRADITIONAL MASKS

Although the ritual of masks is visible in various parts of our country, especially during Carnival, it is in Trás-os-Montes that these secular manifestations still keep the flame of these most expressive traditions burning. Examples include the Festa dos Rapazes (Boys' Festival), the Festa de Santo Estêvão (St Stephen's Festival), the Christmas, New Year's and Kings' Festivals, and Carnival. This is probably the reason why there are still several centres of craftsmen making masks.

[8] CALDAS DA RAINHA POTTERY

With origins dating back to the late 15th and early 16th centuries, Caldas da Rainha is recognised as one of Portugal's most important ceramics centres. The success of ceramics production was necessarily fuelled by the spa-like nature of the emerging town and the abundance of high-quality raw materials. During the 19th century, the great success of naturalistic crockery did not prevent numerous potteries from operating in the town until the mid-20th century, with orders coming in from all over the country. Armindo Reis, who was born in 1926 into a long line of potters, began his apprenticeship in his father's house, but it was in Germano Luís de Sousa's small workshop that he entered as an apprentice. The production of pots, pans, plates, frying pans and other utilitarian pieces gradually declined as other materials (especially plastic) took over. A craftsman of exceptional quality, Armindo would have been pleased to know that his craft and that of so many other potters would be recognised by UNESCO when, in 2019, it designated Caldas da Rainha as a Creative City in the area of Crafts and Popular Arts.

[9] TRADITIONAL PORTUGUESE POTTERY

In the area that is now Portuguese territory, numerous traces of pottery production dating back to prehistoric times have been found. Firstly, using the technique of overlapping rolls with a clay inside and fired in the sun. Then, with the advent of fire, they discovered (accidentally or not) that the action of the heat produced gave more consistency to the works they made. In the early days, the function of pottery was purely utilitarian, but little by little small signs were introduced to ornament and embellish the pieces. And these characteristics were maintained and improved over the centuries. Meanwhile, the introduction of the revolutionised production in terms of format and quantity. With the emergence of societies with more solid social structures, in addition to utilitarianism, the aesthetic and decorative sense was also imposed. Pottery production was thus segmented into utilitarian and decorative. And so it has evolved to the present day. At the beginning of the last century the appearance of crockery made in various metals, and later plastic, pottery became practically ornamental, some of it achieving great aesthetic quality.

INTRODUCTION

It all started when I was a teenager and the group of young people I was part of decided to go to Estoril one weekend, where the Craft Fair was taking place.

Fair was taking place. Let's just say that the main reason wasn't to see the works that gave the fair its title, but to have a snack with our friends and look at the young people we knew we would meet. But when we arrived, we decided to go round the various exhibitors' stands. There was one that we lingered over for a while because of the strangeness it caused us. There were slightly grotesque figures of Christs, devils and monsters made of clay, in complete harmony, living together without prejudice on the shelves. In the meantime, a group of adults had also gathered at the stall to watch. After looking through the works and making several complimentary comments, one of them turned to the lady inside and asked her if she was the author. She got up from the bench where she was sitting, moved towards him and replied in a calm tone that she was. Insisting, the same person asked her what tools or instruments she used for the job. She didn't answer straight away, perhaps surprised at the questioner's ignorance. She looked at them with her small but very lively eyes, and only then, in silence, did she raise her arms above her head and wave her hands in demonstration. Clarified, the people smiled and went on their way, and so did we, but her gesture remained in my head for a long time. That lady, with traces of a certain rurality, with a dark scarf on her head and no trimmings, was Rosa Ramalho, a great name in Portuguese Popular Art. A few years passed and, having recently settled down to work in the

Biographical Note

After working in the Civil Service, as a mechanic in the Portuguese Air Force and as a sales technician in a company linked to the textile industry, 45 years ago I began the profession I still have today: acting. And it was in the early days of this profession that, along with my love for the theatre, another passion began, one that started accidentally when I was asked to collaborate on an exhibition of Popular Art, to be held in the Great Hall of the Garcia de Resende Theatre in Évora. Let's just say it was the beginning of a flirtation that gradually turned into a more intense affection, an attraction, a fascination, and which led me to dedicate some time and deepen some technical knowledge and its complementarities. The books I acquired and the libraries I travelled through were testimony to this. The precious help of my wife, Lúcia Ferreira, who has a degree in anthropology, was a very important support

Alentejo, I was challenged by the then director of the Évora Cultural Centre, Mário Barradas, to organise an exhibition of Popular Art in the Salão Nobre of the Garcia de Resende Theatre, to accompany the launch of a book on popular poets from the Alentejo, organised by Modesto Navarro. I realised how difficult it would be to achieve this given my lack of knowledge on the subject. I was immediately reassured and told that there was a teacher of handicrafts in Estremoz who would provide me with all the necessary information and accompany me on some visits to the craftsmen. His name was Aníbal Falcato and I owe him this healthy addiction. From then on, the 'bug' the fascination with the fantastic universe of so many unknown authors, the diversity of the raw materials used, the artistic need to decorate some of our everyday items, the making of works that were only made for the pleasure of remembering memory of work and leisure activities, all done with my hands, made me fall more and more in love with this art. The travelling I did all over the country also contributed to the collection I gathered, as did the help of family and friends who provided me with attics, garages and storerooms to store the boxes I put them in. I became friends with many of these artisans. That initial reaction of mistrust, perhaps suspicion that I was a tax official, was quickly dispelled and they often opened their doors to me to share a snack and a glass of wine. I would like to thank them for the knowledge they have passed on to me.

Thank you.

Victor Santos

factor. The fact that almost all the companies I worked with were part of theatrical decentralisation projects meant that I was constantly on the move all over the country. I was constantly travelling all over the country, from the biggest cities to the most remote villages. Perhaps unconsciously, it seemed that my choices were made according to the places where I had information about the existence of someone who was still stoically maintaining an art at risk of extinction. That's why I've been to regions as far apart as Braga, Porto, Bragança, Covilhã, Coimbra, Caldas da Rainha, Évora, the Azores, etc., just to mention the big centres, which in turn had towns, villages and places around them where I knew I could still find what was of interest as an ethnographic collection. Ironically, I often say that I've been an actor for forty-five years and a folk art collector for another forty-five. I don't think that's bad for a lifetime...

